



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA

RITA



Boas Festas, bom Natal
 o «Pim-Pam-Pum» vos deseja,
 e a todos abraça e beija
 meninos de Portugal;
 fazendo votos ardentes
 para que todos vocês
 encontrem nas chaminés
 lindos e ricos presentes.

JAVARES PINTO

O CESTINHO da COSTURA

SECCAO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA

Queridas Abelhinhas;

Vão buscar o vosso cestinho de costura e ponham-lhe dentro os seguintes aviamentos:

Um bocado de pano branco, um carinho de linha branca, número 50, quatro botões pequeninos, fita de nastro estreitinha, «filoselle» brilhante de algodão, azul ou côr de rosa, uma tesoura e algum papel para moldes.

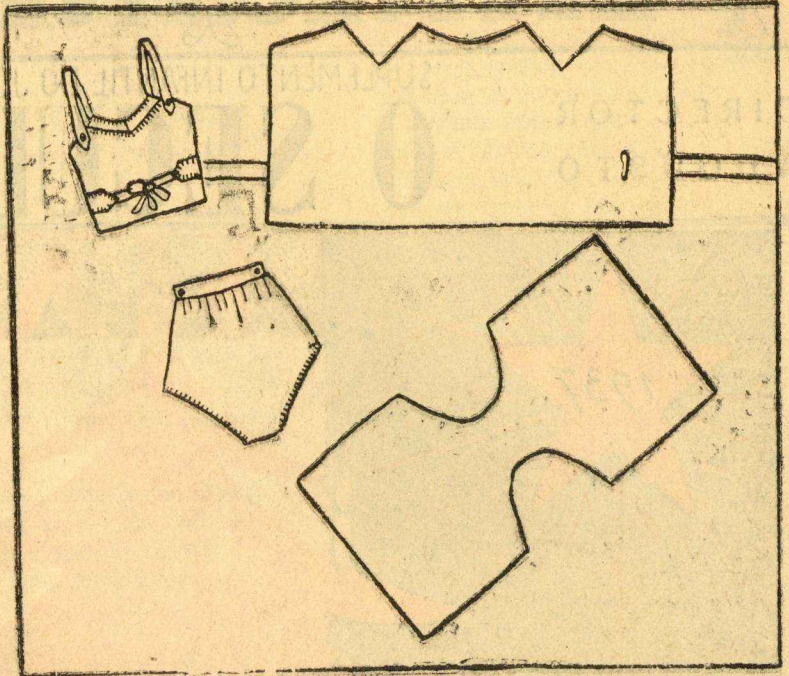
Assim, ficam com todo o material indispensável para fazerem êste colete e calcinhas que eu, hoje, descobri para os vossos adorados bonecos.

Cortem primeiro os moldes, como vão indicados, pois, dêste modo se torna facilima a sua execução.

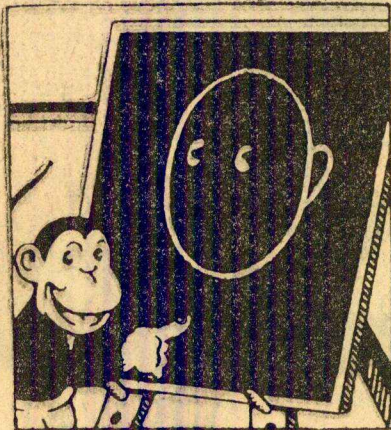
Um «picot» feito com a «filoselle» de côr, é o enfeite que guarnece as duas peças.

Vossa

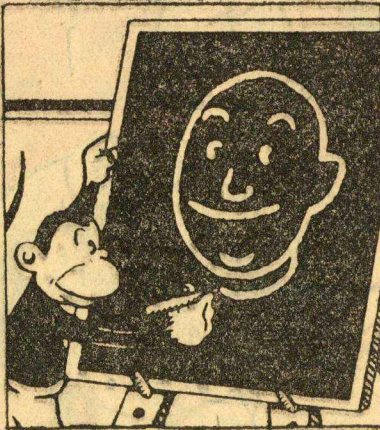
Abelha Mestreira



CHICO, PROFESSOR de DESENHO



— Que julgas tu que é isto?
— Algum bicho?! Pois estás enganado. Vais vêr o que daqui sai.



Uns traços...e...
... pronto! Dize-me, agora, caro



leitor do «Pim-Pam-Pum», se fiz ou não uma cara bem ratona.

BREVEMENTE:

O NOVO E ORIGINAL CONCURSO:

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

A FORÇA DE Amitos

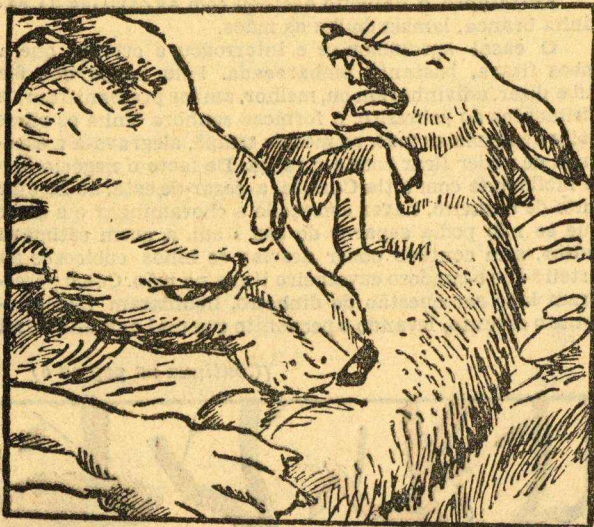
por JOSÉ JÚLIO VALÉRIO RODRIGUES



CONHECI um cão que se chamava «Valente». Ninguém podia tirar-lhe o nome, porque era, realmente, um cão formidável no tamanho e, também, segundo constava, em valentia. Quando seu dono levava o rebanho a pastar, lá ia o «Valente» sempre na dianteira.

— «Com êste guarda, não tenho medo de coisa alguma!» — Afirmava sempre o pastor.

Certo dia, porém, quando o rebanho ia entre serras, surgiu-lhes pela frente uma raposa. O «Valente» saltou-lhe em cima e fê-la em três. Passados uns dias, o pastor, tomado de surpresa, viu um enorme lobo numa clareira. Assolou o «Valente», mas êste, assim que viu o lobo, — ó pernas para que vos quero? ... — fugiu. O Pastor viu-se, então, forçado a afugentar o lobo com um varapáu e quando chegou a casa tanta pancada deu no lombo do «Valente» que quási o deixou à morte.



*Assim acaba a história do «Valente»
que quási encontrou a morte...
... Como êste animal há muita gente,
com lobos, fraca, e com raposas, forte.*



NATAL

por GRACIETTE BRANCO

Já passam, nas ruas, pinheiros esguios às costas dos moços... O Céu invernal tem laivos rosados, tranqüilos e frios. Despertam as almas. Chegou o Natal!

Crepitam braseiras de chama doirada. Presépios de musgos e de rosmaninhos vicejam nas casas e em dôce toada cantando, despertam as vozes dos ninhos

As montras refulgem de côr e magia... Brinquedos vistosos de grande beleza!...

Os olhos dos ricos têm grande alegria...
Os olhos dos pobres têm grande tristeza...

Que mágoas eu sinto no meu coração,
que penas me fazem, profundas, pungentes,
aqueles olhinhos de triste expressão
que ficam pregados nas montras luzentes!...

Que mágoa, que pena, se, no meu caminho,
encontro, a pedir, um pobre petiz,
com fome, com frio, descalço e rotinho,
sorrindo ao menino que passa feliz!...

Meninas, meninos, que sois meus amigos,
num gesto sincero de amor fraternal,
eu peço que dêem aos pobres mendigos,
um pouco da graça do vosso Natal!

F I M



O Natal do pastorinho

Desenhos de **ARCINDO**
Por **ISOLDINA**

Era uma vez um menino muito lindo que vivia numa aldeia pequenina, povoada de casinhas pobres, mas rodeadas de verdura, com grandes prados onde pastavam muitas ovelhas e cabrinhas. Chamava-se Raúl.

Enquanto viveram seus pais, andava sempre asseadinho e os seus brilhantes cabelos caíam-lhe sobre a testa, em graciosos caracóis da cor do ouro puro. Nas suas brancas faces havia o colorido das rosas e nos seus lábios risonhos, a cor rubra das papoilas. Mas, um dia, o seu pai morreu e em breve a mãizinha foi também para o céu. Dali em diante, começou para o pobre Raulzinho uma vida cheia de amarguras. Ficou em casa da sr^a Carlota, uma mulher muito má que nunca tivera filhos e não tinha amor a ninguém. Fazia erguer o pequenino com a luz do dia, para lhe levar as ovelhas a pastar; e, à hora em que os seus leitorzinhos dormem regalados, carinhosamente aconchegados pelas mãos das suas mããs, nos brancos lençois da vossa fôfa caminha, o pobre órfão lá ia tiritando de frio por esses campos, mais as suas ovelhas.

Chegou o pino do inverno com um frio de rachar. Naquele dia, muito lhe custara a erguer do monte de palha que lhe servia de cama, apenas com um grosseiro cobertor para se embrulhar.

Quando a senhora Carlota lhe deu o berro do costume: — «Arriba mandrião» os seus lábios esboçaram um tímido protesto, como uma súplica: — «Está tanto frio, tia Carlota...» Ainda não tinha acabado, já sentia sobre as tenras carninhas o gróssio tamanco da horrível fera. — «Ele é isso? Madraço! E o pão que tu comes?... Não vale nada?»

Movendo a custo as pernitãs trôpegas, com os lábios roxos de frio, o desgraçadinho lá seguia entre o rebanho, de cabeça baixa. Encontrou um bom sítio onde as ovelhas podiam pastar à vontade, e a sua cabrinha branca — mais amiga do que a tia Carlota — que lhe dava o seu leite, tóda contente quando se apanhava longe da má mulher e o podia regalar com ele às escondidas. Então, sentou-se sobre uma pedra e no seu cérebro infantil desenhou-se a visão do que diziam os livros que ele ouvira lér ao filho do senhor professor. Havia meninos tão felizes que tinham pai e mãe, comiam coisas boas, tinham bons agasalhos para os resguardar do frio e a quem, pela festa do Natal, o Menino Jesus trazia coisas bonitas. Porque não teria ele isso tudo também? — «Ó mãizinha, porque me não levaste contigo? disse ele, num queixume. Meu Pai do Céu — continuou e com as mãos postas e olhos no infinito cheio ainda das brumas pardacentas da madrugada — leva-me para os anjinhos onde está o Menino Jesus que é amigo dos meninos. A pouco e pouco foi-lhe pendendo a cabecita e entorpecido pelo frio e vencido pelo cansaço, adormeceu.

— «Manuel! ó Manuel que quadro encantador! Bem ver. Devagarinho; não o acordemos!...»

Esta exclamação soltára-a uma senhora nova e formosa que descera de um belo carro, a pouca distância, para um cavalleiro que também se achava próximo. O Sol já havia rompido o nevoeiro e doirava os cabelos do pequenito adormecido.

— «Pobre criança, com um frio destes!... Como será lindo sem estes farrapos! E nós que não temos filhos!... Certamente é um abandonado, podemos adopta-lo. Não achas?... Consentes?»

— «Mas, minha querida, modera o teu entusiasmo. Nada nos diz que esta criança seja abandonada.

Enfim... veremos...

— «Que pena!» disse a senhora, continuando a contemplar a criança.

Entretanto, o Raúlsito acordou com as carícias da cabrinha branca, lambendo-lhe as mãos.

O casal aproximou-se e interrogou a criança que a ambos fitava, bastante embaraçada. Pelo pouco que ele soube dizer, adivinharam ou, melhor, ambos pressentiram os sofrimentos do pobresito. A formosa senhora tinha os olhos cheios de lágrimas mas, ao mesmo tempo, alegrava-a a esperança de poder ficar com a criança. De facto o negócio fez-se facilmente com a tia Carlota, a-pesar-de esta, ao farejar gente de dinheiro, haver começado a choramingar e a dizer «que se não podia separar do seu Raúl, a quem estimava muito», sem contudo poder desviar os olhos cubiçosos da carteira que o bondoso cavalleiro tinha na mão. Como perceberam logo ser questão de dinheiro, liquidaram imediatamente o assunto, levando o pequenito que mal acreditava na

(Continua na pagina 6)





O NATAL DOS PASTORINHOS (Continuação da página 4)

felicidade que lhe trouxera o Aeaso. Ao sair, porém, voltou-se procurando com os olhos a sua amiga, a cabrinha branca que parecia partilhar da mesma saudade, soltando um mé... mé... cheio de tristeza, como se dissesse: — Adeus, adeus amiguinho! Este, num ímpeto de ternura, largou a mão da bondosa senhora e correu para a cabrinha, lançando-lhe os bracitos à volta do pescoço e seguindo depois a sua bemfeitora.

Passaram três dias. Chegára a noite de Natal... O Raulsito preparado, limpinho, penteados os seus lindos caracóis loiros, parecia o próprio Menino Jesus. A boa senhora tinha-lhe recomendado que colocasse os sapatinhos na chaminé, e ele batera palmas de contente. — «Então, eu, agora, sou como os meninos ricos? Também vou ter brinquedos?» exclamava ele alvoroçado. — «Sim, meu filho. Deus nunca esquece os que sofrem e muito menos os pequeninos.»

No dia seguinte, despertou-o um mé... mé... muito, próximo da sua cabecita. Esfregou os olhos, espreguiçou-se julgando-se junto do rebanho que teria de levar ao pasto.

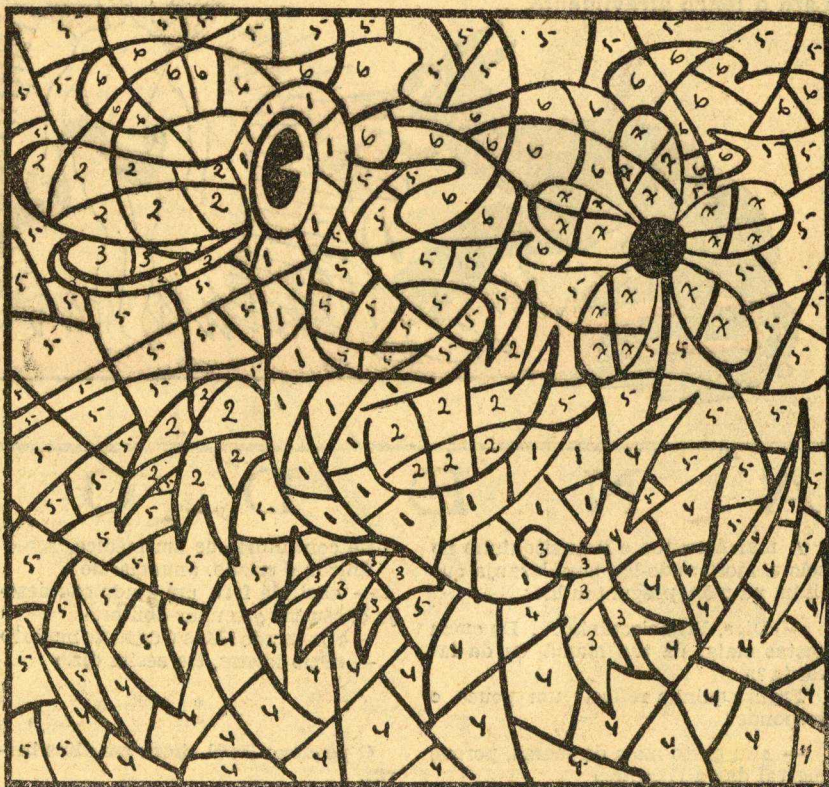
Abrindo, porém, mais os olhos, quasi não acreditou no que via. Tinha, junto de si, a cabrinha branca, comprada

pelos seus pais adoptivos à tia Carlota; e em frente do seu leito branquinho, uma árvore de Natal com muitos brinquedos. Junto desta uma figura de mulher, envolta em um roupão de alvas rendas, e reflectindo-se-lhe nos cabelos um raio de sol que passava através das cortinas. O pequenito tornou a esfregar os olhos mas não reconhecendo logo a bemfeitora, exclamou, pondo as mãositas: — Ah, a mãizinha! Já estou no céu ao pé dela?» — «Sim, meu filho; agora sou tua mãizinha e nada te faltará se fôres bom para todos. Lembra-te do que sofreste, quando algum menino, necessitado e infeliz, te pedir auxilio e reparte com elle o que tiveres.

PASSATEMPO

Meus meninos:— Nesta confusão de risquinhos que até parece uma teia de aranha, escondeu-se um bichinho muito engraçado. Para o descobriremos é necessário colorir com lapis de côr ou aguarelas, cada espaço numerado com sua côr. Portanto, mãos à obra.

- N.º 1, amarelo muito claro.
- » 2, côr de laranja.
- » 3, encarnado.
- » 4, verde.
- » 5, azul.
- » 6, azul muito claro.
- » 7, branco.



CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA -- DESENHOS de MANUEL FERREIRA

100

E a fechar êste concurso,
Que apenas glórias encerra,
Eis o último prodígio
Que Deus pôs na nossa terra.

Foi idealista e bondoso,
Muito amando o seu país,
Quis fazer coisas tão belas
Que o verso humilde as não diz,

Mas porque em seu nobre peito,
Com inigualado ardor,
Se encontravam bem reünidos
Pátria e Deus num só amor,

A maldade não o quis
Muito tempo no poder.
Mandou-o matar um dia
Para, assim, tudo fazer.



Mas o seu nome não morre!
Está entre os imortais.
Presidente da República
Chamou-se

Meus pequeninos leitores,
Dêste tão lindo jornal,
Olhai, é findo o Concurso
Dos grandes de Portugal.

Não mais virão os retratos
De homens sábios e esforçados,
Nesta terra aparecidos,
Por esta terra ilustrados.

Pois se fossemos a pôr
Aqui tôda a ilustre gente
Que a Pátria tornou mais linda,
Por ser sábia ou ser valente,

Não mais findava o Concurso
Nem fim poderia ter,
Pois quanto mais se dissesse,
Mais havia que dizer.

Porém, por aqui, já vistes
Que êste povo é sem igual,
Que não há terra mais linda
Que a terra de Portugal.

E agora que conheceis
Tôda esta glória sem fim,
Meus pequeninos, fazei
Por serdes, também, assim.

Dai à terra em que nascestes,
Maior fama e mais fulgor,
Fazendo-a, ainda, mais linda,
Tornando-a, ainda, maior.

Sêde honestos, sêde bons,
Não façais mal a ninguém,
Pois todo o que assim fizer,
E' patriota também,

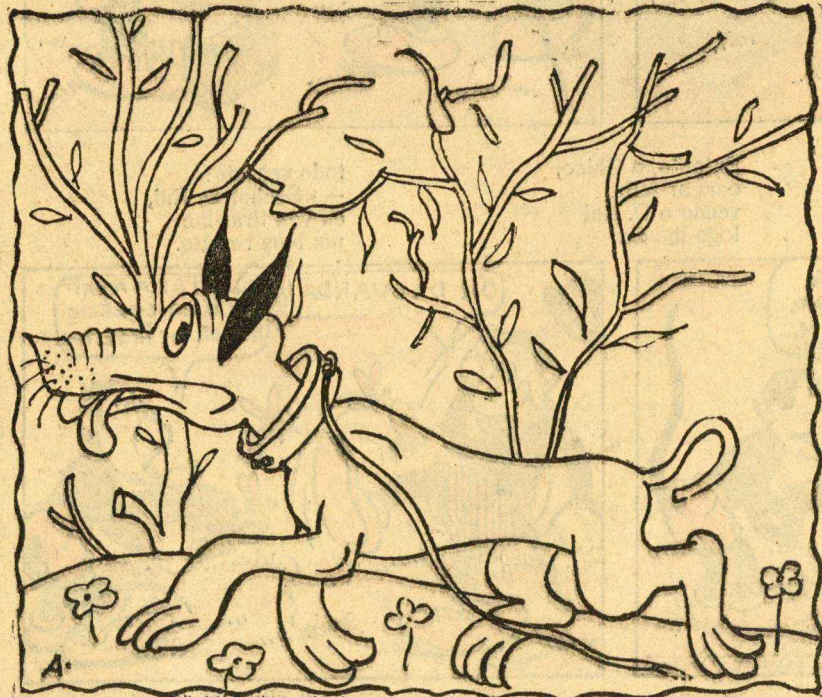
Amai sempre Pais e Mestres,
Fazei desta vida um céu,
Pois todo o que assim fizer
Honra a terra em que nasceu,

Amai o santo trabalho
Que dá pão, honra e ventura,
Fazei por serdes Camões,
Gama, Henrique ou Sacadura,

Para que, por todo o sempre,
Se diga no vasto mundo,
Vendo tanta maravilha
E tanto feito jocundo,

Que não há, em parte alguma,
Um país a êste igual.
Que não há terra mais linda
Que a terra de Portugal!

A D I V I N H A

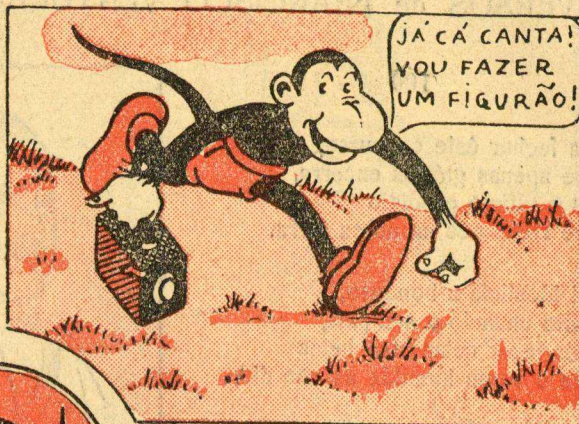


Meus meninos; -- Este cãozinho acaba de fugir ao seu dono. Vejam se descobrem onde êste se encontra

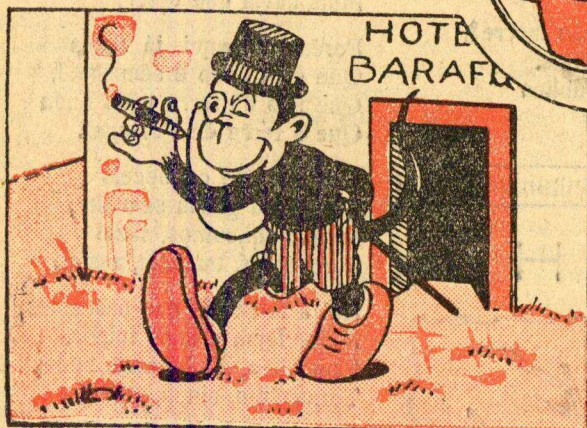
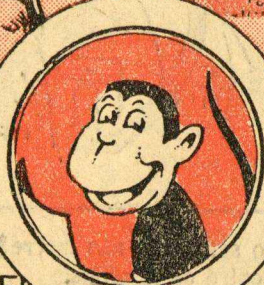
CHICO, FOTOGRAFO IMPROVISADO



Chico Larico sentiu um baque, vendo num banco uma «Kodac»



Pegando nela, exclama então: — «Eu vou fazer um figurão!»



Em seu «havano» fumaças dando, o D. Rui Mono eis passeando...

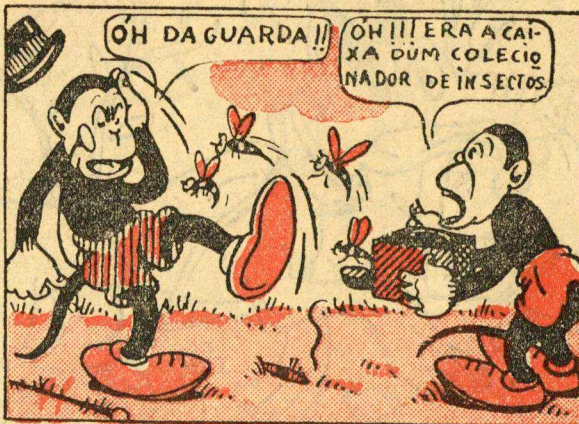


Entanto, o Chico, com ar feliz, vendo o D. Rui logo lhe diz,

todo sensato: — «Senhor D. Rui, eu vou tirar-lhe um bom retrato.



Ponha-se quêdo, Trace a perninha, não tenha medo nem perca a linha.



Um, dois, três... Tac!... Mas — quem dissera?! — a tal «Kodac» afinal era

uma caixinha para indiscretos, que dentro tinha vários insectos.